

Morfologia das classes invariáveis (10)

Referências Bibliográficas

BASSETTO, B. F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

MAURER, JR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

Podemos dizer que as classes invariáveis românicas herdaram algumas formas do latim clássico e vulgar como também operaram mudanças substanciais.

1. Advérbio

O advérbio nas línguas românicas, por exemplo, perdeu a formação que o latim clássico realizava a partir da flexão dos adjetivos, mediante a adjunção de sufixos verbais em *-ē*, em *-ō*, e na terceira declinação a junção dos sufixos em *-iter*, como *fortis > fortūter*, *felix > felicīter*, *acer > acrīter*.

O sufixo em *-ē* mantém-se na formação adverbial romena *-ește < -isce* dos adjetivos em *-esc < -iscu*. Vejam-se no romeno os advérbios *romaneșt-e* e *latineșt-e* a par dos adjetivos *româneșc* e *latineșc*. Encontramos o advérbio latino em *-isce* na locução do sobresselvano *tchintschar romantsch* ‘falar romance’ e no engadino *tchantschar romantsch* (Lausberg, 1982, 142).

Podemos encontrar o sufixo *-e* também a partir do latim *bene*: port. *bem*, gal. *ben*, romeno *bine*, sardo e italiano *bene*, sobresselvano *bein*, fr. e cast. *bien*, cat. e provençal *be*. Do latim *longe* temos, por exemplo, em port. *longe*, gal. *lonxe*, ital. *lungi*, fr. *loin*.

A terminação *-ō* encontramos, por exemplo, em *cedo* no gal., port. e cast. proveniente do lat. *cito*.

O latim vulgar recorria ao adjetivo neutro com função adverbial, terminados em *-um clarum, multum*, entre outros. Encontramos correspondências no prov. *clar, breu*; no fr. *clair, bref*, no ital. *chiaro, breve*, entre outros. (Exemplos de frases no Maurer, p. 165). Servia-se o latim vulgar de perífrases formadas por preposição + subst. para exprimir o advérbio de circunstância tais como *cum amore*, *cum gaudio*, respectivamente, *com amor e com alegria*. As perífrases foram as formas mais disseminadas no latim vulgar. Todas as línguas românicas conservam essa formação herdada do latim vulgar. Comparem-se em gal. *con amor*, fr. *avec plaisir*, it. *di buona voglia*, cast. *con tranquilidad*.

O sufixo adverbial –mente, encontrado nas línguas românicas ocidentais, provém do latim vulgar de uma locução formada com o ablativo *mente* e significa a intenção com que se praticava um ato.

Credita-se às línguas românicas a inovação do uso do substantivo –mente como sufixo formador de advérbio. Maurer (1959:163) , por exemplo, afirma que o fato do romeno não apresentar esse processo de formação corrobora a tese de ser uma criação românica ocidental, provavelmente na Idade Média. Afirma ainda ter sido uma criação erudita, pois a língua popular privilegiava formas analíticas formadas por preposição, e como foi dito anteriormente, é uma tendência panromânica.

2. A conjunção

As conjunções do latim clássico desapareceram e foram substituídas por outras sinônimas, de nova formação. As conjunções subordinativas, partículas que integram o discurso culto sofreu perdas na língua vulgar. As línguas românicas operaram mudanças mas podemos elencar as seguintes conjunções oriundas do latim clássico. Discorreremos somente sobre as conservações. As coordenadas, por exemplo, temos as copulativas do lat. *et* que resultou em port. e gal. *e*, em cast. *e* depois *y*, em it. *e* e *ed* antes de vogal, e em fr. *et*; as negativas provenientes do latim *nec* redundou em port. *nem*, gal. *nin*, cast. *nen*, *nin* e *ni*; it. *né*, fr. *ni*. O romeno privilegiou o advérbio latino *sic* donde *și* e, também para a negativa preservou *nici* < *neque*. As alternativas provenientes do lat. *aut* resultaram em port e gal. *ou*, cast. *ó*, fr. *ou*.

O advérbio *magis* assume a função das adversativas, que se perderam, vejam-se em port., cast. literário e prov. *mas*, gal. *mais*, fr. *mais*, it. e engadino *ma*. O galego e o castelhano modernos substituíram *mas* por *pero* proveniente de *per hoc*, que inicialmente significava “por cima”.

As línguas românicas possuem uma conjunção integrante que é resultado de uma convergência de várias formas: pronomes *quod*, *quid* e conjunção *quia*. A homonímia, que se verifica em port., por exemplo, de *que* como relativo, interrogativo, causal e integrante, deve-se portanto a confluências dessas formas e converteu-se numa partícula multifuncional. O romeno apresenta *că*, o port. ant. *ca* e *que*, o gal. mod. *ca* e *que*. Como se pode observar, essa conjunção desempenha papel múltiplo, assumindo, conforme o caso, significações diferentes.

Sobre as comparativas e modais há nas línguas românicas, por exemplo, *quomodo*, e resultou em port. *como*, em gal. *coma* (< *quomodo ac*), em rom. *cum*, em fr. *comme*.

3. Preposição

O latim clássico usava as preposições com mais parcimônia do que as línguas românicas. Depois de uma preposição, apenas dois casos eram possíveis, a saber o acusativo e o ablativo. A preposição *in*, por exemplo, podia reger acusativo ou ablativo. Regem acusativo qdo o verbo da oração indica movimento (*Eo in Italiam* = Vou à Itália) e ablativo quando indica estabilidade (*Sum in Italia* = Estou na Itália). As evoluções da língua vulgar ocorreram mudanças fônicas como a apócope do –m, marca do acusativo singular; a identidade estabelecida entre o –o e –u finais e a perda da distinção de quantidade, (por exemplo, na primeira declinação, -a para o nominativo, -a para o ablativo e –a(m) para o acusativo). As desinências causais tornaram-se, pouco a pouco, semelhantes e, conseqüentemente ambíguas. Foi-se generalizando o emprego das preposições já existentes no sistema. Com o desaparecimento dos casos morfológicos, o uso da preposição tornou-se imprescindível. Com esse raciocínio, Faria (1958: 255) afirma que as preposições não regem os casos, mas esses é que passaram a exigi-las para maior clareza de expressão. Nas línguas românicas, as preposições foram adquirindo uma importância cada vez maior, tendendo a se tornar a marca de quase todas as relações que a flexão nominal exprimia desde o indo-europeu. Tal como se admite para qualquer mudança lingüística, a mudança do caso morfológico para o sintático, que ocorreu do latim para as línguas românicas, é o resultado da ação de numerosos fatores, sendo impossível resumir essa mudança apenas a uma causa. Destaca-se, contudo, entre esses fatores, a expansão do uso das preposições. As preposições, partículas relacionais que exercem um papel importante na comunicação, são elementos fundamentais na estrutura lingüística. Elas variam em quantidade e qualidade de uma língua para outra, daí a dificuldade de se reconhecer os seus valores. O português e o galego, por exemplo, de origem comum o antigo gal-port. e que guardam estreitas relações lingüísticas apresentam peculiaridades nas preposições. Comparem-se a preposição *agás*, *aga* (salvo, exceto) de origem desconhecida, documentada desde o séc XVI, encontra-se somente em galego. Vejam-se em *fomos todos aga meu irmán pequeno. Xuntámonos sábado ás dez, agás de vostede dispoña outra cousa*. Podemos exemplificar com outras preposições, que foram aparecendo ao longo da história. *Onda e canda*, por exemplo, sugerem uma formação **quando ac > canda*, **unde ac > onda*. *Pasou toda a tarde onda min. Chegaron canda min á taberna* (indica simultaneidade de ação.)

Segundo Borba (1971: 140), a preposição é um elemento integrante do sistema da língua e constitui-se de um conjunto de valores semânticos que se realizam de acordo com o contexto.

As preposições latinas *ad, de, cum, in, sine, pro, per, super, supra, sub, sub, inter, intra, trans* e *secundum* que encontramos nas línguas românicas são herança latina. Façamos, entretanto, uma apreciação de algumas dessas preposições latinas e sua correspondência com as línguas românicas.

a) *Ad*

A preposição *ad* provém do indo-europeu **ad-* e significava “para o lado de, para junto de”. Indicava, portanto, o conceito de direção ou movimento para algum ponto de aproximação e junção de uma coisa a outra. Para expressar aproximação, temos, por exemplo, *ad*. A preposição *ad* > sobreviveu em it., sardo, reto-românico, fr., prov., cat., cast., port. (Ir à casa de Maria).

Com *ad* no primeiro elemento de uma combinação prepositiva temos (apud Viaro, 1994: 115) : *ad circa* > port, *acerca*; *ad de in* > romeno ant. *adein, adin*; *ad pare* > port. ant. *apar*, port. e gal. mod. *a par de* ; *ad post* > port. *após*; *ad pressum* > fr. *après*; *ad retro* > fr. *arrière*; *ad supra* > *assupra*; *ad tenus* (ou do árabe *hatta*) > port. ant. *atee, ataa*, port. mod. *até*, gal. *ata*, cast. ant. *ata*, cast. mod. *hasta*.

b) *Pro*

A preposição *pro* provém do indo-europeu * *pro* significando seqüência e especificou-se com o valor de ‘da frente de, diante de’ e acompanhava ablativo. A preposição latina *pro* significa ‘da frente de, diante de’ e acompanha ablativo. Veja-se em latim, *pro castris copias producere* (Ces., B.G., 1, 48) (... fazer avançar as tropas diante do acampamento). As muitas derivações semânticas de *pro* proporcionaram a sua sobrevivência nas línguas românicas. Aparece no log. *pro*, no fr. *pour*. No port., gal. e cast. *por* confundiu-se com *per*. Essa confusão ocorreu também em italiano, reto-românico, catalão e romeno, num período anterior ao castelhano e ao português. A preposição latina *per* ‘através de’ está relacionada com o verbo indo-europeu * *pero*, ‘eu transporto’, ‘trago’ ou ‘passo através de’. Essa confusão é perfeitamente natural porque sendo *per* e *pro* casos distintos de mesma raiz, √ *per-*(*raiz?*): *pro* e *per*, suas áreas semânticas se entrecruzaram com facilidade. *Per* sobreviveu em todas as línguas românicas, entretanto se mostra distinto de *pro* somente em fr. *par*, cast. ant. *per*, port. ant. *per* ou *par*, log. *per*. Segundo Ferreira (1996: 361) nas línguas da Ibéria a influência do francês se fez notar. Como exemplos, seguem-se *par Deus, par Nostro*

Senhor. Nas demais línguas românicas, *pro* desaparece, e *per* assume as suas funções, dessa forma temos em romeno ant. *pre* > *pe*; it. , prov. e cat. *per*, friul. e fr. ant. *per*.

c) De

Segundo Faria (1958: 264), a preposição latina *de* é uma antiga forma casual fossilizada como advérbio, com a característica de servir ao mesmo tempo como preposição e como preverbo. A preposição latina *de* é construída com ablativo, e como *ab* e *ex*, marca origem; em *de*, essa origem é desenvolvida com idéia acessória de ‘movimento do alto para baixo’, nuance que se conserva em certos compostos como em *descendēre* (Faria, 1958: 264). Said Ali (2001: 155) afirma que *de* é a preposição latina empregada com mais freqüência e para diversos fins. Inicialmente, *de* exprimia ‘afastamento de cima para baixo’, diferente de *ab* que significava ‘afastamento no sentido horizontal’. *De* começou a confundir-se com *ab* e essa última desapareceu. Para expressar o ‘movimento de dentro para fora’, o latim valia-se da preposição *ex*. *De* tornou-se equivalente a *ex*, e essa veio a desaparecer. Portanto, *de* passou a exprimir o sentido de ‘afastamento e procedência’. Desse modo *de* acabou por eliminar as duas outras preposições que com ela competiam, como se pode notar nas concorrências entre *ab*, *ex* e *de* documentadas em latim tardio. *De* tornou-se a preposição de afastamento por excelência nas línguas românicas. Do lat. *de* temos em it. e reto-românico *di*, cat., gal. port. cast., fr., prov., rom. *de*.

As classes invariáveis nas línguas românicas, como dito anteriormente tenderam para buscar, em geral, em materiais lingüísticos já existentes, as bases para a sua formação, ora desviados de seu uso primitivo, ora adaptados às exigências de uma nova sistemática.